



Comida e Comunicação no Ato Público da Caravana do Rio de Janeiro: Exercícios na construção de outras intervenções públicas

Natalia Almeida Souza¹; Larissa Cabral²; Jaime Lima Franch³; Alexandre Gollo⁴; Simone Dutra Motta⁵; Cristhiane Amâncio⁶

¹ABA-Agroecologia; e-mail- natalia.almsouza@gmail.com; ²NIA/UFRRJ; e-mail - larissacabralufrj@gmail.com; ³Centro Tiê de Agroecologia; E-mail - jaimelf@terra.com.br; ⁴Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro; E-mail - alexmgollo@yahoo.com.br; ⁵Centro Tiê de Agroecologia; E-mail - simonedm@terra.com.br; ⁶Embrapa Agrobiologia; E-mail - cristhianeoga@gmail.com.

Resumo

Este artigo tem por objetivo contribuir com as reflexões e registros de algumas impressões sobre a vivência do grupo da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (AARJ) e do Núcleo Interdisciplinar de Agroecologia (NIA) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, na construção e animação do ato público realizado na principal praça pública do município de Casimiro de Abreu/RJ como atividade de encerramento da Caravana Agroecológica e Cultural do RJ, tendo como principal foco a interpretação sobre as diferentes possibilidades de diálogo com a sociedade. Conclui-se que o ato público é uma ferramenta de comunicação com a sociedade, pois possibilitou a socialização dos resultados acumulados pela Caravana RJ e deu visibilidade, por meio de um almoço agroecológico, a agricultura familiar que existe no estado do Rio de Janeiro, que resiste e alimenta, defendendo o acesso à alimentação saudável como sendo um direito político.

Palavras-Chave: Ato público; Comida; Cultura; Comunicação.

A Caravana do Rio de Janeiro: Agricultura que existe, resiste e alimenta

No processo de organização e de fortalecimento da Rede de Núcleos de Estudo em Agroecologia da Região Sudeste realizou-se, de 24 a 28 de novembro de 2015, a Caravana Agroecológica e Cultural do Rio de Janeiro. Com o tema “Agricultura no Rio de Janeiro: Existe, Resiste e Alimenta!”, a terceira Caravana do Projeto Comboio Sudeste (MDA/CNPQ), movimentou mais de 200 pessoas ao longo de suas quatro rotas que se reuniram em Casimiro de Abreu para realizar as atividades unificadas.



Ao escolher como tema central “Existe Agricultura no Rio de Janeiro!”, a Caravana RJ se desafiou a traçar olhares sobre todo o estado e a investigar os desafios e potencialidades da agroecologia vivenciados em diferentes contextos de vida e de produção no último período. Apesar dos avanços na conquista de algumas políticas e programas, o estado do Rio de Janeiro permanece com baixos investimentos no campo da agricultura familiar, com invisibilização e ameaça às suas práticas agrícolas tradicionais. Camponeses e camponesas do estado assistem a diversos e intensos impactos e violações de seus direitos.

Neste artigo refletimos e registramos algumas impressões sobre a vivência do grupo da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (AARJ) e do Núcleo Interdisciplinar de Agroecologia (NIA) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, na construção e animação do ato público realizado na principal praça pública do município, tendo como principal foco a reflexão sobre as diferentes possibilidades de diálogo com a sociedade através das Caravanas.

Do III ENA às práticas da Rede de Núcleos: A Caravana como processo comunicativo

Desde 2013, quando os preparativos para o III Encontro Nacional de Agroecologia (ENA) começaram a se estruturar, as organizações que fazem parte da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) destacaram, como um dos pilares do encontro, que reuniu mais de três mil pessoas em Juazeiro (BA), o diálogo com a sociedade e a comunicação como um direito e uma ferramenta estratégica na luta pelo fortalecimento da agroecologia.

Com isso, os esforços de comunicar à sociedade os anúncios e denúncias relacionados ao fortalecimento da agricultura baseadas nos princípios e práticas da transição agroecológica - que já estavam presentes na prática da ANA e de suas redes, movimentos e organizações parceiras - passam a ter centralidade em todos os momentos preparatórios do ENA e em sua realização e sistematização.

Nesse caminhar de mobilização e preparação para o III ENA, as Caravanas Agroecológicas e



Culturais se despontam como uma das principais inovações metodológicas dos processos de articulação, mapeamento, registro e visibilidade dos conflitos vivenciados pelas comunidades¹. Inspiradas nos processos de mobilização de muitos grupos populares (Romarias da Terra, Marchas e outras), as Caravanas incorporam em sua composição, além das múltiplas vivências descentralizadas em diferentes rotas, outros processos políticos e pedagógicos, como as Instalações Pedagógicas², os Seminários Estaduais e os atos públicos orientados por novas estratégias comunicativas.

É nesta última ação unificada, os atos públicos, que se assenta o ponto de reflexão deste resumo. Os atos realizados durante as Caravanas representam importantes momentos para ampliação do diálogo com a sociedade. Temas, alternativas concretas e denúncias ganham, neste momento, ressonância não apenas para os participantes da Caravana, mas para a sociedade como um todo.

Novas formas de aprender, novas formas de comunicar: o Ato Público da Caravana RJ

Qual seria a melhor forma de dialogar com cidadãs e cidadãos, geralmente influenciados, manipulados, ou mesmo absorvidos, pelas propagandas dos interesses que se nutrem das relações comerciais, das prestações de serviços e/ou da dinâmica industrial, que se encontram instaladas, vigentes e dominantes nos sistemas agroalimentares vivenciados em nossa sociedade?

Como alertá-los de que, ao buscarem a rotina de suas alimentações – seja nas prateleiras dos supermercados, nas feiras abastecidas por comércios atacadistas ou nas mesas de restaurantes – deparam-se com ocultas e subjugadas relações sociais, econômicas e culturais?

Como dialogar com grupos que, apesar de sensíveis, ainda não visualizam formas de apoiar à agroecologia e à agricultura camponesa? Como ampliar e criar ambientes férteis para diálogos sobre os

¹ Para saber mais sobre as Caravanas: <http://www.agroecologia.org.br/files/importedmedia/anais-do-iii-encontro-nacional-de-agroecologia-ena.pdf>

² Para saber mais sobre as Instalações Pedagógicas, ver o vídeo do Projeto Comboio: <https://www.youtube.com/watch?v=fihDBJn9EEs&feature=youtu.be>



anúncios e as denúncias vindos dos territórios?

É inspirada por essas e por outras reflexões tecidas e amadurecidas ao longo de muitas reuniões realizadas para a realização da Caravana que nasce a proposta de construir um almoço agroecológico como “ato público” da Caravana do Rio de Janeiro. Diferentes interlocutores da Articulação Serra Mar de Agroecologia, refletindo um interesse regional anterior em experimentar esse método de mobilização – convidam os demais grupos, movimentos e redes envolvidas no Projeto Comboio, a apostar nessa possibilidade de diálogo com a sociedade.

Envolver distintas associações de agricultores na oferta de refeições agroecológicas, ocupar espaços públicos centrais de grande circulação e visibilidade, e demonstrar, para além de discursos, resultados concretos da resistência das comunidades, foi uma das formas encontradas para ampliar e integrar as estratégias de ação de massa comumente utilizadas (marchas, ocupações e falas políticas).

Calcado em preocupações que estão muito para além da comercialização de alimentos, o Almoço Agroecológico na praça pública de Casimiro de Abreu foi, na verdade, uma oportunidade de divulgação dos trabalhos, produções e práticas dos agricultores da região Serra Mar, do estado do Rio de Janeiro e do Sudeste. Ocupar a praça com diferentes alimentos produzidos por diferentes comunidades, teve ainda como objetivo reconhecer sua existência, e a afirmação de novas práticas solidárias de produção e de consumo.

Almoço Agroecológico: Comer é um ato político

À mesa, comida de verdade, cultivada e produzida por agricultores de Casimiro de Abreu, Silva Jardim, Rio das Ostras, Nova Friburgo, Teresópolis, Campos dos Goytacazes e demais municípios do estado, tendo como eixo central a questão “comer é um ato político”, levantado pelo Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (2015). O ato da Caravana RJ transformou a praça central da cidade numa praça de alimentação. Para Heck (2015):



A alimentação e o ato de comer compõem parte importante da cultura de uma sociedade. Estão relacionados à identidade e ao sentimento de pertencimento social das pessoas e envolvem, ainda, aspectos relacionados ao tempo e à atenção dedicados a estas atividades, ao ambiente onde eles se dão, à partilha das refeições, ao conhecimento e informações disponíveis sobre alimentação, aos rituais e tradições e às possibilidades de escolha e acesso aos alimentos (HECK, 2015, p. 2).

O almoço agroecológico, oferecido a preço justo, com quatro cardápios e diversos sucos naturais feitos pelos próprios produtores, teve o tema *Comida de Verdade no Campo e na Cidade*, como principal mensagem mobilizadora. Entendendo o almoço como uma das principais expressões, mas não a única, o ato público encheu a praça de atividades culturais como música, capoeira e jongo, uma pequena Feira de Sabores e Saberes, além da mística, que trouxe a denúncia do crime cometido pela Samarco³ contando com a contribuição de muitos núcleos de agroecologia do Sudeste.

Um “Espaço da Saúde” para divulgação da experiência do grupo de Saúde do Trabalhador Rural de Casimiro de Abreu, foi mais uma das atividades descentralizadas do ato, que teve como objetivo esclarecer dúvidas e divulgar materiais, principalmente da Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos, sobre os impactos destes produtos na saúde do homem e na natureza.

Nas falas feitas durante o ato público apareceu a necessidade de elaboração de Projetos como o Comboio Agroecológico e Ambientes de Interações Agroecológicas, como ferramentas para promoção da agroecologia. Ainda neste sentido, algumas falas evidenciaram também a importância de articulação entre os agricultores, pesquisadores e demais sujeitos da agroecologia, como forma de fortalecimento da luta e de resistência. As articulações regionais também foram destacadas como elemento-chave na superação do modelo convencional de produção.

O debate acerca da segurança e soberania alimentar e nutricional e do combate aos agrotóxicos, também foram questões centrais abordados pelos representantes do Fórum Brasileiro de Soberania e Segurança Nutricional (FBSSAN), do Instituto Nacional do Câncer (INCA), do Grupo de Saúde do

³ A mística do ato público na Caravana RJ, que acontece 19 dias após o crime da mineradora Samarco/Vale/BHP, lembrou as vítimas de Mariana/MG.



Trabalhador de Casimiro de Abreu, da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA-Agroecologia) e da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA).

#AgriCULTURAS: a comida como expressão de um povo

Tendo como cardápio galinhada, cozido, feijão tropeiro e feijoada, a Caravana RJ foi encerrada com uma grande festa da agroecologia em Casimiro de Abreu. Mais de setecentas e cinquenta refeições foram servidas, muitos parceiros foram envolvidos e, ainda que de maneira simbólica, a caravana pode mostrar e afirmar que num dos estados mais turísticos do mundo, conhecido por ser palco de megaeventos, existe um movimento agroecológico que pulsa, se articula e se fortalece, afirmando que existe agricultura familiar, camponesa, quilombola, caiçara e agroecológica no Rio de Janeiro: existe, resiste e alimenta.

A escolha desse caminho para o ato público teve a intenção de renovar estratégias de diálogo. A comida, produto e prática concreta da forma de vida de um povo, é também uma forma de comunicar à sociedade as alternativas que são silenciadas pelo capital e pela indústria de alimentos. A comida como meio de comunicação e aproximação, valorização dos agricultores e suas práticas culinárias, seus saberes e modos de vida.

Na construção de todas as Caravanas do Projeto Comboio, e também na experiência do Rio, é importante registrar o eixo transversal da cultura, que se expressou de diversas maneiras, seja pelo teatro, capoeira, músicas, animação e pelas próprias noites culturais que ocorreram no final de cada dia, com apresentações musicais da região, mas também pelas poesias, místicas (com forte atuação dos estudantes do Colégio Técnico da UFRRJ e dos parceiros da Comissão Pastoral da Terra, além dos grupos estudantis) e formas de olhar dos agricultores e agricultoras.

Com o intuito de mobilizar a sociedade em prol da preservação da biodiversidade e cultura alimentar, o Fórum Brasileiro de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (FBSSAN) lançou em



2015, a campanha Comida é Patrimônio. O objetivo foi estimular a população a repensar a relação com os alimentos e lutar por um sistema alimentar mais justo, equitativo, saudável, sustentável e solidário. Assim, o Fórum busca valorizar a identidade alimentar, presente nas ricas regionalidades culinárias do país, bem como nas dimensões sociais, culturais, econômicas e políticas.

A campanha pretende provocar essa reflexão a partir de quatro temas: Comida é bem material e imaterial; Comida é identidade, memória e afeto; Comida é dialogo de saberes; modos de viver, produzir e comer, princípios que também orientaram e fundamentaram a escolha do almoço como forma de expressão política da Caravana do Rio de Janeiro.

Valorizar a cultura regional e popular foi um dos cuidados nessa construção pela compreensão de que defender a agroecologia não é só defender um modo de produção, é defender também um modo de se relacionar com a natureza e com as outras pessoas, relação esta, mediada pela cultura e também pela comunicação.

A Caravana passa, e o que fica?

Para entender o que significou a realização da culminância desta caravana, destaca-se os impactos em grandes dimensões, sendo eles: para a Articulação de Agroecologia Serra Mar (AASM), para os agricultores familiares da região e para a Escola Estadual e para os consumidores, de um modo geral.

Para a AASM, que desde o ano retrasado não se reunia para traçar estratégias regionais de ação e resistência, as impressões são aquelas colhidas durante o próprio evento e em conversas descompromissadas com alguns companheiros: surpresa e saudosismo. Até aquele momento, era visível o desconhecimento da caravana como forma de mobilização, suas possibilidades de alcance, bem como o desânimo sobre as práticas coletivas devido às descontinuidades e a falta de apoio do poder público local.



Para os agricultores e agricultoras familiares da região, o principal resultado da caravana foi o reconhecimento que receberam da população, durante e após o almoço agroecológico, quanto à importância do trabalho que realizam. Vários relataram que tiveram conversas com consumidores que elogiaram e se interessaram pela qualidade dos alimentos que produzem. Outro resultado prático foram os inúmeros contatos que fizeram para participar em eventos, feiras, cursos e festas fornecendo seus produtos ou mesmo servindo refeições. Para os agricultores familiares, o almoço agroecológico deve ser estimulado e repetido periodicamente para sensibilizar os consumidores e abrir caminho para os produtos agroecológicos.

Para a Escola Estadual de Casimiro de Abreu, que sediou o evento, segundo um de seus educadores, a caravana representou “um paradigma quebrado”. Segundo ele, ver uma juventude “riponga e cabeluda” interessada por temas socioambientais e políticos, debatendo, participando e organizando todo o processo a partir dos princípios da autogestão, “quebrou” todo e qualquer preconceito quanto à disposição dos jovens a buscar um futuro melhor. Afinal, um dos maiores problemas que enfrentam com os jovens que frequentam a escola é a desesperança no futuro e desinteresse nos estudos ou por qualquer coisa que não seja consumo ou diversão.

Para os visitantes do ato, a atividade deixou “um gostinho de quero mais!” Diversas pessoas que frequentam a feirinha da agricultura familiar da cidade têm procurado os agricultores e perguntado quando ocorrerão outros eventos. Para esses consumidores ficou mais clara a necessidade de apoio aos agricultores. O interesse por produtos livres de venenos e injustiças, produzidos tão próximos, ficou evidente.

Um coletivo de consumidores pode surgir dessa demanda e integrantes do Centro Tiê de Agroecologia, organização local que viabilizou grande parte das ações do ato, estão dispostos a iniciar esse processo através de reuniões com a participação dos interessados. O tema da agricultura pode entrar em pauta, com mais evidência, nas conversas para as próximas eleições municipais, de modo que, esse resultado ainda não pode ser medido, mas é especialmente esperado.



Os princípios da vida, complexidade, transformação e da diversidade são observados de maneira integrada e marcante nessa experiência que reuniu múltiplos caminhos de diálogo e integração. O ato público evidenciou que a agroecologia é capaz de alimentar, além de ser a única possibilidade de produzir alimentos sem a degradação do meio ambiente. Um dos criadores do Mapa de Injustiça Ambiental e pesquisador do Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador (ENSP/Fiocruz) que participou da Caravana RJ destacou a importância da parceria com as instituições que atuam com saúde coletiva para fortalecer a pauta da agroecologia. “A promoção da saúde é fundamental para se pensar em outro modelo de sociedade”, afirmou o pesquisador.

Neste sentido, evidencia-se ainda a importância da agricultura urbana e das feiras agroecológicas nas cidades como espaços de construção deste novo modelo. Como afirma o relato de um dos participantes:

“São espaços profundos de outro tipo de produção de conhecimento, de relação solidária, que resgatam também o processo de relação com as crianças modernas, que vão descobrir que o alimento não é algo que está nas prateleiras do supermercado, dentro de caixinhas coloridas. É preciso repensar também a produção de alimentos no processo de produção de vida” (Relato de um participante da Caravana RJ).

O resumo buscou refletir sobre novas formas de intervenção no espaço público à partir da articulação popular, elementos que exigem maiores reflexões teóricas que gostaríamos de aprofundar a partir dos princípios da Educação em Agroecologia. Nos Anais do III ENA (ANA, 2014) é possível localizar algumas conexões importantes nesse processo, como traz o relato do Seminário Temático “Comunicando um Brasil Agroecológico”:

“Refletir acerca de experiências que compartilhem a percepção da comunicação como mobilização social; como possibilidade de intervenção da sociedade civil junto às políticas públicas; e como instrumento de resistência ao agronegócio e às grandes obras que interferem negativamente na vida da população do campo. A agroecologia dialoga com a comunicação, buscando o intercâmbio de experiências, a produção de conhecimento e a valorização dos saberes locais” (ANA, 2015: p. 63).

Não apenas como forma de exercitar novos olhares sobre os territórios, as Caravanas vem sendo oportunidades de refletir sobre as formas de realizar atos públicos, efetivamente dialogar com a



sociedade e comunicar as transformações desejadas em curso e também ameaçadas nos territórios.

Referências bibliográficas

ANA. **Anais do III ENA. Cuidar da terra, alimentar a saúde e cultivar o futuro.** Rio de Janeiro, 2014.

HECK, S. **O ato de comer.** In: Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (web). Disponível em <http://www4.planalto.gov.br/consea/comunicacao/artigos/2015/o-ato-de-comer> Publicado: 17/08/2015. Acesso: 28 de maio de 2016.



ANEXOS – Fotos do ato público da Caravana Agroecológica e Cultural do RJ



Figura 1: Mesa de saladas na Praça Central de Casimiro de Abreu
Fonte: Arquivos Caravana Agroecológica e Cultural do RJ



Figura 2: Mesa de frutas na Praça Central de Casimiro de Abreu
Fonte: Arquivos Caravana Agroecológica e Cultural do RJ



Figura 3: Debate sobre os malefícios dos agrotóxicos no ato público
Fonte: Arquivos Caravana Agroecológica e Cultural do RJ



Figura 4: Feira Agroecológica Sabores e Saberes
Fonte: Arquivos Caravana Agroecológica e Cultural do RJ